

RAÍZES E FRONTEIRAS



Os portões do Eldorado amazônico

Ana Laíde

Olá minha gente! Bom dia a gente do Brasil e do mundo.

Eu sou a Ana Laíde Barbosa e te convido a embarcar rumo à Amazônia e conhecer a vida das pessoas que aqui possuem raízes e enfrentam as fronteiras que limitam o bem viver.

Música de Abertura

Ana Laíde	No quarto episódio de Raízes e Fronteiras: as imigrantes falam sobre as dificuldades que enfrentam em busca de reconstruir a vida na amazônia brasileira.
Mulher 1	Saímos da Venezuela com muita ansiedade, muito medo, realmente nos sentíamos como vazia por ter deixado nossa família, deixamos nossos amigos. Deixei meu filho e isso me causava muita tristeza e solidão
Ana Laíde	Apesar das transformações ao longo do tempo, o legado do mito do Eldorado segue arraigado na construção contemporânea da região amazônica brasileira. A cidade de ouro que mulheres encontram é repleta de trabalho extremamente precário, frágil proteção social, desemprego e violência de gênero.
Mulher 2	O que queremos é trabalhar. Viemos com a mentalidade de que não vamos ser milionários ou algo assim, só queremos um trabalho estável, uma saúde adequada. Por isso decidi viajar ao Brasil.
Mulher	Atravessamos toda Colômbia de ônibus, eu tomando remédios para para o estômago, para a circulação porque os pés e a perna se inflamaram. Não dormiamos bem, tampouco as minhas netas, nem minha filha. Depois que atravessamos toda Colômbia que foi o mais longo chegamos a um local chamado Rumichaca (Equador) e aí é onde nos pediam os documentos novamente para passar. Depois dali seguimos até que chegamos a Peru.
Ana Laíde	A travessia até o Eldorado amazônico é repleta de desafios. A começar pelo preço: haitianas, cubanas e senegalesas relatam que vistos e passagens aéreas custam de 12 a 15 mil reais. As jornadas duram de semanas a meses, a depender de como o trajeto é feito. E durante a travessia, estão expostas a roubos, abusos, extorsões, aliciamento, tráfico humano, violência física e sexual. Ou seja: a imigração está muito longe do sistema de direitos universais.
Mulher 3	Chegamos a Manaus ficamos na rodoviária porque não falávamos, não tínhamos dinheiro, não sabíamos para onde ir,

	nada, Até que graças a deus conseguimos internet, eu comprei um chip e procurei pela ACNUR. Nos enviaram para a política federal, fizemos protocolo - muito demorado. E depois para dormir. Não temos lugar, procurem a Cáritas. Nos enviaram pra Cáritas diocesana. Quando chegamos nos falaram: sinto muito, mas vcs são cubanos, nosso projeto é de venezuelanos. Ajuda humanitária a venezuelanos, vcs são cubanos
Ana Laíde	No Brasil, o Exército em parceria com agências das Nações Unidas, coordena a Operação Acolhida em Roraima. Mas a iniciativa federal oferece um pouco de alívio humanitário “apenas” para venezuelanos e não para imigrantes de outras nacionalidades.
Mulher 4	Comecei a trabalhar em um restaurante de comida peruana, os chefes são brasileiros e senti discriminação por ser imigrante porque recordo que quando entrei não me disseram quanto iam pagar, não me disseram meus benefícios
Ana Laíde	A falta de respostas adequadas no acolhimento faz com que imigrantes sejam vítimas de situações de exploração e discriminação.
Mulher 4	E logo me colocaram em uma área onde ficavam outras pessoas das quais eu teria que fazer as tarefas então entendi que estavam me explorando.
Mulher 5	Apesar de que sou educadora, professora de educação inicial. Sei que para a minha profissão é muito difícil pelo idioma, já que eu falo espanhol e o idioma aqui é português. No entanto estou aberta a aprender. No entanto a primeira oportunidade que se apresenta a exercer minha profissão estou disposta a exercer.
Ana Laíde	As imigrantes de diferentes nacionalidades acabam se transformando em diaristas ou vendedoras ambulantes para sobreviver.
Mulher 5	E penso que se me dão oportunidade limpando casa, limpo casas, se é cuidando de crianças, cuido de crianças; se é cozinhando, cozinho, se é atendendo num restaurante pois eu vou.

Ana Laíde	<p>Sem auxílio do governo e sem trabalho, milhares de imigrantes moram nas ruas.</p> <p>Em Roraima, mesmo com a Operação Acolhida, muitas mulheres, crianças e homens imigrantes dormem em barracas improvisadas pelo exército. E à primeira luz do dia são forçados a deixar as barracas e passar o dia nas ruas.</p> <p>No Acre, a estrutura social não é muito diferente. Carecem de serviços sociais básicos e sofrem com o fechamentos de fronteiras e excessos cometidos por forças policiais.</p>
Música com percussão	
Mulher 1	Eu quero trabalhar todo este ano e trazer minha mãe e irmã e meu outro filho que está na Venezuela
Ana Laíde	<p>O mito do Eldorado se repete como tragédia e fardo para as mulheres imigrantes na Amazônia brasileira.</p> <p>Mas apesar de todas as dificuldades, as mulheres resistem e seguem acreditando que podem proporcionar uma vida melhor para as pessoas que amam. O mundo é a casa de todos, todas e todes.</p>
Mulher 1	<p>Então me doi porque ela está em Venezuela, me escreve que está mal. Se minha irmã não tem documento sofre convulsões. E é difícil porque ela está lá e eu estou aqui. E quero ajudá-la mas não posso porque ainda não estou estabilizada. Na Venezuela eu trabalhei em doceria. Penso em conseguir um trabalho numa padaria, casa de bolos, algo assim porque nessa parte sei me defender.</p>
Vinheta Encerramento	
Ana Laíde	<p>A produção de Raízes e Fronteiras é da Universidade de Strathclyde em parceria com a Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.</p> <p>Agradecemos a todas as pessoas que participaram neste episódio.</p> <p>E na próxima semana a gente se encontra para falar da exploração de haitianos no Mato Grosso.</p>



Check the API documentation provided on the website and feel free to contact us at: server@onlyoffice.com